

Resenha: Capitalismo, Desejo e Política - Deleuze e Guattari leem Marx

Yasmin de Oliveira Alves Teixeira* & Adriano Henrique de Souza Ferraz**

GUÉRON, Rodrigo. *Capitalismo, Desejo e Política - Deleuze e Guattari leem Marx*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2020.

O livro recém lançado por Rodrigo Guéron é uma obra de maturidade e de transgressão. Por um lado, consolida uma vida filosófica de pesquisas realizadas pelo autor, da estética à política; por outro, oferece uma interpretação absolutamente heterodoxa do pensamento de Marx, por intermédio de Deleuze e Guattari, inserindo-o no campo da filosofia da imanência. *Capitalismo, Desejo e Política* é uma obra de *práxis* que não deixa de refletir a clareza, precisão e minúcia de um professor-pesquisador diante de um público tão diverso quanto estudantes de artes e ciências humanas, especialistas do campo de estudos deleuze-guattarianos e militantes feministas, anarquistas e socialistas. O livro age, atua, maquina segundo os devires do pensador carioca no século XXI, que olha atônito as políticas milicianas dos capatazes que tomaram de assalto o poder nacional, mas também os becos nos quais o campo progressista entrou, entre outras razões, por excesso de crença num projeto natimorto de *welfare State*. Ele traduz, portanto, a magnitude da crítica de Deleuze e Guattari, em sua aliança com Marx, ao capitalismo, mas também ao Estado, já que este nunca deixará de ser um *bureau* da burguesia.

Ao tensionar os autores estudados a partir de inquietações originais, o autor logra ir até a produção de conceitos. Isso parece em parte explicar a escolha de fazer confluír Deleuze e Guattari *diretamente com Marx* e não propriamente com *o marxismo*. Nesse sentido, o leitor não se espantará com o caminho que faz a obra passar antes por Benjamin e sua interpretação nietzschiana de Marx que por Althusser e outros marxistas estruturalistas, ou mesmo por Reich e sua psicologia materialista de massas do fascismo. A partir de uma leitura renovadora

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNIFESP-Guarulhos\SP. Contato: yasminteixeira@protonmail.com

** Doutor em Filosofia pela UNIFESP-Guarulhos\SP. Contato: adrianohsferraz@gmail.com

dos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844*, o autor questiona as variações da concepção de natureza e matéria além de buscar sustentar um potencial *vitalismo* no jovem Marx, complexificando assim a posição althusseriana segundo a qual haveria uma adesão mais forte à ideologia alemã nesta fase de seu pensamento. Por esta razão, Guéron irá perseguir a compreensão do materialismo em seus próprios termos, compreensão que parece ser uma das grandes linhas de força da originalidade de *Capitalismo, Desejo e Política*.

Muitos intérpretes leem as principais obras individuais de Deleuze (*Diferença e Repetição*, de 1968, e *Lógica do Sentido*, de 1969) e as obras do encontro com Guattari (*O Anti-Édipo*, de 1972, e *Mil Platôs*, de 1980) num movimento de razoável ruptura, porém é evidente para Guéron a implicação conceitual entre elas, de modo que encontraremos em seu livro mais continuidade do que se pressupunha na abordagem de Marx entre os momentos pré e pós maio de 68. Enquanto a vida intelectual de Guattari teria sido sempre marcada de modo bastante imediato pela prática política, ao menos desde a experiência de La Borde, essa dimensão prática teria ficado em estado mais ou menos embrionário para Deleuze antes do encontro com o coautor de *Capitalismo e Esquizofrenia*. Mesmo assim, haveria motivos internos ao movimento do pensamento deleuziano para que fosse inevitável um confronto teórico com Marx. Entre os motivos que Guéron apresenta como hipótese, um dos mais importantes é justamente a *interrogação sobre a natureza da matéria*:

[...] propomos um caminho que vai do que identificamos como um singular materialismo em Deleuze para, a partir dele, chegar a uma energia intensa que o filósofo vê na constituição da matéria (a matéria como um plano de intensidade) e, desta energia intensa, à produção da diferença.¹

A concepção deleuze-guattariana da matéria seria de ordem diferencial ou maquínica. Não há progressão dialética, mas uma produção que resulta na tríade de sínteses do inconsciente definidas como síntese conectiva (produção de produção), síntese disjuntiva (produção de registro ou distribuição) e síntese conjuntiva (produção de consumo). A produção, como nos mostra o autor, será o denominador comum entre o materialismo de Marx e o de Deleuze e Guattari e a elaboração dessas três sínteses não poderia ser bem entendida sem se levar em consideração o papel fundamental da leitura que se faz da

¹ GUÉRON, R. *Capitalismo, Desejo e Política: Deleuze e Guattari leem Marx*. Rio de Janeiro: Nau, 2020, p. 50

Introdução à Crítica da Economia Política, onde Marx mostra que a produção é prevalente sobre todos os outros níveis da economia. O filósofo alemão é, portanto, uma fonte central para a concepção deleuze-guattariana do inconsciente como processo imanente e instância pré-subjetiva, bem como contribui para a elaboração de um conceito de desejo identificado a essa produção material, livre de qualquer noção de falta (como pensava Lacan). Ao nível do inconsciente, a própria matéria é maquinada pelo desejo, ou antes, o desejo não é nada além desse processo maquínico de produção de um real que já é imediatamente social. Deleuze e Guattari não cessam de afirmar - e isto é fundamental para Guéron - que o campo da economia sexual e da economia política são um só campo da produção desejante.

Assim, em sua variação de funcionamento, as sínteses do inconsciente são postas em relação a diferentes máquinas sociais. Não é da mesma maneira que a matéria é maquinada numa sociedade territorial, numa sociedade nômade, ou urbana, ou ecumênica, numa sociedade Estatal despótica ou numa sociedade capitalista. Cada um desses *socius* pode ser compreendido como um conjunto distinto de *relações sociais de produção* cujas malhas não são feitas de nada além de diferenciações da produção desejante. Mas, curiosamente, Guéron faz a escolha de nos apresentar *primeiro* uma análise detalhada da tipologia e topologia das máquinas sociais segundo o materialismo diferencial de Deleuze e Guattari - tipologia que constitui o coração do livro - para apenas ao final desta exposição adentrar a análise das três sínteses do inconsciente. Trata-se de um procedimento notável, e de forma alguma fortuito, que permite ao autor dar plena ênfase ao aspecto diretamente econômico-político da formação dos *socius* sem que seja necessário, nesse primeiro momento, um excessivo destaque ao papel de noções psicanalíticas na compreensão dessa formação.

Antes de apresentar a forma como Deleuze e Guattari trabalham a noção de recalçamento primário (que, em *O Anti-Édipo*, se traduz precisamente como a emergência dos *socius* na tensão entre máquinas desejantes e corpo sem órgãos), Guéron nos leva por um itinerário que se inicia pelas consequências de se compreender um *socius* como conjunto de relações de dívida e não de relações de troca. Segundo o autor, é essa crítica da concepção “troquista” das relações sociais que permitirá uma ampliação, em Deleuze e Guattari, da noção mais restrita de economia, uma vez que “a ideia de uma ‘economia no início’ poderia soar como um certo economicismo, que ora é criticado pelo marxismo, ora é associado a

ele”². A função da dívida na determinação das formações sociais aparece de maneira marginal ou pouco decisiva nos debates antropológicos contemporâneos, e de forma ainda menos importante nas análises de Marx sobre os modos de produção pré-capitalistas. É então a *Genealogia da Moral*, de Nietzsche, que possibilita a Deleuze e Guattari colocar a relação de dívida (que, destaca Guéron, são sempre também operações de poder) como núcleo das relações sociais em geral.

Guéron não trata a teoria de Deleuze e Guattari sobre os *socius* territoriais apenas como a exposição de uma máquina social mais simples, ou mais recuada no tempo histórico. Pelo contrário, *Capitalismo, Desejo e Política* nos mostra o funcionamento dos *socius* territoriais como a chave de compreensão do funcionamento de todo e qualquer *socius*, já que é neles que se encontra em estado plenamente visível a forma como a codificação dos fluxos determina a produção da sociabilidade imediata do desejo. Dito de outro modo, nos *socius* territoriais temos a visão privilegiada da maneira como as relações de dívida *codificam* os fluxos, como elas se inscrevem nos corpos, como elas operam os signos e permitem a fundação do significante. O que se inscreve, o que se registra em uma “mnemotécnica” da crueldade é, primeiramente, a dívida. Fica claro, desta forma, como a ênfase na hipótese nietzschiana de Deleuze e Guattari a respeito da origem do *socius* permite a Guéron pôr em suspenso por um breve momento a análise das sínteses do inconsciente: “O conceito de ‘recalque’, como sabemos, vem da psicanálise. Por sua vez, a descrição da mnemotécnica de Nietzsche se parece com a descrição de um processo de recalque”³.

O autor nos mostra antes uma articulação imprescindível da tipologia das máquinas sociais a uma topologia das relações de poder, ou seja, as relações sociais de produção não apenas não se instituem de maneira estática como não existem sem estar em algum tipo de relação com outras formações sociais. É precisamente isto que o autor denomina tipologia relativa. Grosso modo, nem a máquina social territorial está totalmente livre da ameaça da forma-Estado, nem a máquina estatal existiria sem um *aparelho de captura* deste *socius* territorial, como no modo de produção asiático descrito por Marx. No capitalismo todas as máquinas sociais irão “conviver” numa tensão de forças. Até as velhas formas de organização

² Ibidem, p. 83

³ Ibidem, p. 89.

da vida e da produção continuarão a operar no seio deste, maquinadas agora como “neocarcaísmos” em virtude da produção de mais-valia. É como se o autor operasse aqui uma releitura de *O Anti-Édipo* à luz de *Mil Platôs*, tornando mais fluidas as definições de 1972.

Guéron nos transmite o seu estranhamento em relação à dupla definição do Estado em Deleuze e Guattari. Se, por um lado, tal como mostrou Marx, o Estado é “miraculado” como estrutura transcendente (pressuposto natural e divino) para onde flui toda a acumulação (logo uma mistificação), por outro, Deleuze e Guattari afirmam que ele “sempre existiu”, sempre esteve presente. Uma das evidências dessa presença da forma-Estado a se perder no tempo e no espaço é a aparente reação antecipatória das sociedades territoriais ao seu surgimento. O autor sugere, à luz da leitura de Pierre Clastres, que as sociedades sem estado constituem, no seu interior, máquinas de guerra e dispositivos nômades para antecipar e evitar que o Estado surja: a busca pela *terra sem mal*, as festas que produzem o gozo coletivo da riqueza e impedem a acumulação, as codificações que se estabelecem na relação do caçador com suas caças, a relativização do poder do chefe da tribo, etc.

O aparelho de Estado será ainda peça-chave no *socius* capitalista, muito embora seu caráter mude com o surgimento de fluxos desterritorializados e descodificados que irão compor o capital. O Estado-nação capitalista irá gerir esses fluxos e cumprir o papel de uma força de reterritorialização capaz de impedir que eles escapem em excesso. Se o capital tem necessidade, segundo Guéron, da diferença liberada como fluxo, ao mesmo tempo essa liberação precisa ser controlada, já que é ela própria a maior ameaça à ordem do capital. Nesse sentido, o Estado se torna modelo de realização de uma axiomática dos fluxos, ou seja, se torna o maior aliado do capital no processo de generalização da forma-mercadoria, cuja lógica se estende para todo o campo social, das instâncias macropolíticas até o nível da interioridade subjetiva. É por isso que a filosofia política de Deleuze e Guattari traz, para o confronto produtivo com Marx, o problema da relação entre o maquinismo do desejo e a subjetivação burguesa, para a qual a figura do indivíduo e sua liberdade econômica é essencial. Guéron defende que a teoria política de Deleuze e Guattari contribui para uma crítica das concepções liberais da liberdade política ao compreender o sujeito e o indivíduo como produtos e não como pressupostos.

Sob essa leitura, o autor também lança nova luz sobre o sentido da crítica deleuze-guattariana das noções psicanalíticas do desejo, do inconsciente e da subjetividade, que ainda se centram demasiadamente numa naturalização das categorias do sujeito e do familismo burguês. Em Lacan, interlocutor privilegiado dos filósofos franceses no campo da psicanálise, o sujeito já aparecia como uma espécie de produto, mas *produto de uma falta* estrutural sem a qual supostamente não seria possível nenhum tipo de relação com o mundo. A sociabilidade seria, assim, condicionada a um desenvolvimento subjetivo no qual o sujeito só pode nascer na inscrição mesma da falta no desejo. Fora dessa individuação calcada na falta, tudo seria desordem e indiferenciação, esquizofrenia enquanto estrutura, da qual estaria excluída a negatividade fundadora do sujeito “normal”. Guéron defende a ideia de que Marx e Nietzsche oferecem importantes ferramentas argumentativas para a tese deleuze-guattariana de que a falta não é de modo algum originária, mas sim socialmente produzida.

A falta também é socialmente produzida, e não produtora. Se trata de uma consequência secundária ao funcionamento do desejo, e não de seu pressuposto estrutural e até mesmo normativo. Isso não seria possível se já não houvesse um recalçamento primário da produção desejante, mas esse recalçamento é mais uma vez produto do maquinismo do desejo, que em si nada tem de negativo e ao qual a falta é inteiramente estranha. No seu funcionamento, as máquinas desejantes aparecem já socializadas, socialização que coincide de imediato com um certo nível de recalçamento, isto é, de codificação dos fluxos livres do desejo. Uma hipótese absolutamente notável em Guéron é a de que a codificação - a inscrição da dívida como elemento de organização social que aparece em todas as máquinas sociais, mesmo as territoriais e despóticas - já produz uma certa experiência da falta. O autor afirma, assim, que

[...] a ‘economia no início’ é o processo de codificação que constitui o *socius*: a codificação dos fluxos do desejo. É nesse sentido que a economia é ‘política’, ou seja, esse é o sentido da economia política a partir da ‘crítica à economia política’, como queria Marx, o que é feito por Deleuze e Guattari. O processo de codificação que constitui o *socius* se caracteriza pela introdução de um elemento de ‘improdução’ - ou de ‘contraprodução’ - no processo produtivo; *esse elemento é a dívida, a falta, a culpa*.⁴

Nesse sentido, o complexo de Édipo e seus elementos estruturais (a castração, a função materna, a função paterna) surge tardiamente e pressupõe uma série de operações

⁴ Ibidem, p. 91, grifos nossos.

sociais anteriores que vão finalmente desembocar no familismo burguês. Para Deleuze e Guattari, era imprescindível mostrar como a concepção psicanalítica do desejo correlacionado à falta deixava escapar o caráter produtivo do desejo. O que se passa aqui é a organização da produção de subjetividade adequada ao modo de produção capitalista. A inscrição da falta no sujeito segundo esta limitação do desejo cria imediatamente uma estrutura de compensação calcada no gozo da mercadoria por meio de seu operador, o dinheiro. Ora, o movimento político que partir do pressuposto da naturalização da falta como dado estrutural do sujeito e das relações sociais estará perdendo de vista o caráter positivo e produtivo do desejo, bem como está fadado a uma incompreensão da ação transformadora e mesmo a uma redução da política ao campo das axiomáticas. Será mais difícil produzir desta maneira uma experiência de ruptura com o capitalismo, ainda que no seio de um Estado socialista.

Toda a concentração libidinal do pólo paranóico que constitui o Estado (que se identifica fundamentalmente ao *Urstaat*, isto é, o fantasma da forma-Estado originária) coexiste com o capitalismo, que o deixa fluir para manter suas taxas de lucro e seus coeficientes de dominação. Neoliberais e neofascistas têm praticamente as mesmas pautas. Não há um ponto em que Amoedo discorde efetivamente de Bolsonaro, e o ministro que tem a maior autonomia e afinidade com o presidente miliciano é justamente um Chicago boy: “a violência do bolsonarismo como a única chance de implementação de um programa neoliberal extremo”⁵.

Quais seriam então as ações políticas criadoras, mobilizadoras? Ao refletir sobre isso, Guéron pontua as diferenças entre os pensamentos de Marx e de Deleuze e Guattari que não podem ser negligenciadas e que repercutem diretamente sobre a sua avaliação da prática política: em Marx, a crítica da economia política é feita em termos de necessidade, enquanto Deleuze e Guattari a fazem em termos de *desejo*; além disso, deveríamos compreender melhor os *enunciados das organizações de poder* em vez de utilizar a categoria de ideologia bem como as *linhas de fuga* em vez de contradições. Segundo Guéron, tudo retorna ao quiasma da transformação da matéria intensa em matéria de expressão, sobretudo quando se trata da ação política. Isto a que o autor chamou de *transdução energética* é o que se passa

⁵ Ibidem, p. 375.

nas operações de registro, de inscrição, na transformação das intensidades em expressões, em marcas, em códigos, alianças, desterritorializações como nas sociedades primevas, que acionavam a partir destes regimes de signo os seus dispositivos nômades e as suas máquinas de guerra contra o Estado. Muito embora a presença de Marx no repertório de alianças teóricas de Deleuze e Guattari seja imprescindível para a criação desse conceito inédito de matéria (e portanto de um novo materialismo), estamos já muito distantes das concepções marxistas mais ortodoxas. “Pois bem, Marx, materialista eu também sou, mas o que vem a ser essa tal *matéria*?”⁶.

Trata-se ainda, e por fim, de pensar o paradoxo de uma *produção de acontecimentos*, da introdução de cesuras na ordem do tempo. Como afirmar a contingência e as rupturas históricas radicais? Como a ação política pode catalisar essas rupturas? É preciso lembrar que o acontecimento tem uma dupla dimensão (de um lado palavra, de outro lado coisa, liame indiscernível onde aparece uma materialidade que é própria da linguagem e uma expressividade própria da matéria). Sua efetivação ao nível do *socius* como agenciamento se mostra ao mesmo tempo como regime de signo e regime de corpos, enunciado de um lado e prática social de outro - “política é a ação criadora que se dá entre o polo físico e o semiótico do agenciamento: a região do acontecimento”⁷. Todo o livro converge para o subcapítulo intitulado *Classe e Minoria*, onde é premente esclarecer que a luta de classes não pode prescindir de sua potência minoritária. Guéron nos relembra que *Kafka, por uma literatura menor*, produto da aliança Deleuze-Guattari onde é melhor elaborado o conceito de minoria, é antes de tudo uma obra onde o materialismo maquínico serve para compreender o caráter “ontologicamente estético” da política e do devir minoritário. Reunindo “tudo que escapa e que excede” aos padrões macropolíticos molares, majoritários. A luta de classes, se não tiver em seu centro a produção minoritária “que engendra a vida diante do bloqueio que quase a impossibilita”, que transforma o luto em luta e vitalidade, está fadada a abandonar as razões pelas quais nasceu.

Temos a grata impressão de estarmos diante de uma obra conectada aos debates contemporâneos, desde aqueles que perpassam o problema do estatuto atual da luta de classes

⁶ Ibidem, p. 50.

⁷ Ibidem, p. 326-327.

em relação às lutas transversais das minorias até a urgente questão do retorno do fascismo à superfície da vida social. Esta atualidade radical é a mesma de que Deleuze e Guattari, eles mesmos, lançaram mão em seus dois tomos de *Capitalismo e Esquizofrenia*: não bastava a eles reler os textos canônicos e obras clássicas como bíblias, era necessário, ao contrário, articular o pensamento filosófico aos problemas concretos que se apresentavam aos autores nos agitados e paradoxais anos 1960 e 1970. É nesse sentido que Guéron é sobremaneira deleuze-guattariano: não se trata de rezar a missa dos *slogans* deleuzistas, mas de fazer funcionar a potência política do encontro Deleuze-Guattari-Marx em meio aos problemas urgentes de nosso tempo e de nosso espaço. Guéron tem em mente que a esquerda desconfia de Deleuze e Guattari, talvez nem tanto em razão de sua crítica radical ao Estado e mais por um certo dialeto “deleuzianês” que gera uma indisposição nos intelectuais de esquerda. É aqui que a atenção dada por Guéron ao sentido concreto das ferramentas conceituais trabalhadas e seu esforço de compreensão de ideias que muitas vezes aparecem apenas em níveis intertextuais nos filósofos franceses o tiram completamente deste vício e dão a medida da urgência desta leitura para o debate político hodierno.

Recebido em 16/05/2021

Aprovado em 06/07/2021